

A POESIA-DEDICATÓRIA DOS *PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA CARTESIANA*

HOMERO SANTIAGO *

Como sabemos pela correspondência de Espinosa, quando ele cede aos pedidos de amigos para que autorize a publicação do material que constituirá os *PRINCÍPIOS DA FILOSOFIA CARTESIANA (PPC)*, o faz sob a condição de que cuide da edição do texto, aperfeiçoem o estilo e lhe acrescentem um prefácio. Todas essas tarefas foram diligentemente cumpridas por Luís Meyer.¹ Não obstante, haverá pelo menos mais um amigo de Espinosa que contribuirá para a edição dos *PPC*, compondo um poema dedicado à obra e publicado junto dela. É esta peça, esquecida pela maior parte das traduções contemporâneas dos *PPC*, que gostaríamos aqui de dar a conhecer ao leitor.

A POESIA

Na primeira edição dos *PPC*, em 1663, a poesia-dedicatória é situada logo depois do prefácio de Meyer, numa página não numerada, antes do “Índice de proposições, lemas e corolários”; o texto não é assinado e sob ele encontramos apenas a indicação “I.B.M.D.” Quando da tradução dos *PPC* ao holandês em 1664, realizada por P. Balling e supervisionada por Espinosa, os versos latinos serão traduzidos e a eles virá juntar-se um segundo poema, em holandês, assinado “H. v. Bronchorst, M. D.”²

Embora as mais recentes edições dos originais das obras de Espinosa (Vloten & Land, Gebhardt) tragam o poema, não o fazem a maior parte das traduções que pudemos consultar, à exceção das edições de Atilano Domínguez e de Emanuela

Scribano. É verdade que não se trata de uma peça crucial para a interpretação do espinosismo (ver abaixo uma avaliação de seu conteúdo) e sequer podemos aventar grande qualidade literária, mas nem por isso deixa de ser questionável a prática de amputar deliberadamente uma obra, julgando o que é ou não de interesse e privando assim o leitor do contato com o texto tal como publicado em vida do autor.

A seguir, oferecemos o texto latino do poema e uma tradução, tão literal quanto possível; a única dificuldade a destacar-se é o jogo dos dois primeiros versos com o prenome de Descartes (*Renatus*, isto é, Renato ou renascido), que nos pareceu impossível manter sem prejuízo do sentido.

AD LIBRUM

Ingenio seu te natum meliore vocemus,
Seu de Cartesii fonte renatus eas,
Parve Liber, quidquid pandas, id solus habere
Dignus, ab exemplo laus tibi nulla venit.
Sive tuum spectem genium, seu dogmata, cogor
Laudibus Authorem tollere ad astra tuum.
Hactenus exemplo caruit, quod praestitit; at tu
Exemplo haud careas, obsecro parve Liber;
Spinozæ at quantum debet Cartesius uni,
Spinoza ut tantum debeat ipse sibi.

I. B. M. D.

AO LIVRO

Quer te digamos nascido de um melhor engenho,
quer sigas da fonte de Descartes renascido,
quanto desvelas, pequeno livro, de tê-lo sozinho
és digno, do exemplo nenhum louvor te vem.
Olhe eu para teu gênio, ou para teus dogmas,
devo com louvores teu autor elevar aos astros.
O que ele fez, até então careceu de exemplo; já tu,
pequeno livro, oxalá não careças de exemplo.
E quanto deve Descartes só a Espinosa,
Que o deva o próprio Espinosa apenas a si.

I. B. M. D.

* Professor do Departamento de Filosofia da USP.

¹ Para tudo isso, remetemos o leitor à nossa apresentação do prefácio de Meyer indicado nas referências bibliográficas.

² Tanto a tradução de Balling quanto o texto do poema acrescentado em 1664 são dados por Gebhardt no aparato crítico de sua edição das obras de Espinosa (v. I, p. 614-615). Desconhecemos tradução do poema de H. v. Bronchorst; por isso mesmo, seria muito desejável vê-lo vertido ao português por algum colega que dominasse o holandês.

SEU AUTOR

A edição original dos *PPC* trazia sob o poema, como já alertado, somente a inscrição “I.B.M.D.” A edição de Bruder, que traz o texto no interior de seu próprio prefácio geral e não no lugar de origem, limita-se a falar de “algum amigo doutor em medicina” (v. I, p. XXIII). Como nos informa Gebhardt (v. I, p. 610), em meados do século XIX o poema foi atribuído a Johannes Bredenburg, mas sem dado probante. Em sua edição das obras de Espinosa de 1882-1883, Vloten & Land propuseram desdobrar as letras (“*ut videtur*”, dizem) em “J. Bresser Medicinæ Doctor”, remetendo às epístolas XXVIII e XXXVII, publicadas sem destinatário nas *Obras póstumas* e que acreditavam dirigidas ao mesmo Bresser. Em 1896, finalmente, na primeira edição holandesa de seu monumental estudo sobre o círculo espinosano, Meinsma sugeriu uma nova leitura, desdobrando “I.B.M.D.” em “Johannes Bouwmeester, Medicinæ Doctor”.³ Tal atribuição, ainda que não absolutamente confirmada, é hoje de ordinário acatada pelos estudiosos de Espinosa, que também passaram a dar Bouwmeester como destinatário das duas epístolas mencionadas.

Johannes, ou João, Bouwmeester nasceu em Amsterdã, estudou filosofia e medicina em Leiden à mesma época que Luís Meyer, de quem foi grande amigo e ao lado do qual dirigiu o teatro de Amsterdã e tomou parte nas atividades da sociedade literária *Nil volentibus arduum*. Ele verteu do latim ao holandês o romance *O FILÓSOFO AUTODIDATA*, obra do árabe-espanhol Ibn-Tufayal (ou Abentofail) que sustenta a salvação pelo conhecimento; a tradução foi publicada em 1672 por João Rieuwertsz, mesmo editor dos *PPC*. É provável que Bouwmeester tenha conhecido Espinosa na década de 50, quando com Meyer gravitava em torno do círculo de Van den Enden, mestre de latim cuja escola era freqüentada por Espinosa.⁴ Íntimo do filósofo e digno de sua confiança, Bouwmeester conheceu os textos espinosanos ainda inéditos; colaborou na edição das obras póstumas, em latim e em holandês, mas é incerta qual tenha sido sua função;⁵ na carta XXVIII aventa-se a possibilidade de que seja o tradutor da *ÉTICA* para o holandês.

³ Cf. Meinsma, *SPINOZA ET SON CERCLE*, p. 276.

⁴ Este sumário sobre Bouwmeester baseia-se nas informações de Atilano Domínguez, em sua tradução dos *PPC*, e de R. Bordoli, *RAGIONE E SCRITTURA TRA DESCARTES E SPINOZA*, p. 24-25.

⁵ Cf. Steenbakkers, *SPINOZA'S ETHICA FROM MANUSCRIPT TO PRINT*, cap. I.

SEU CONTEÚDO

Como sugerido acima, o poema de Bouwmeester não pode sem exagero ser tomado por uma peça-chave da interpretação espinosana, como o pode, por exemplo, o prefácio de Meyer. Será o texto, porém, totalmente despido de interesse? Não cremos. De certa forma, ele demonstra a perfeita compreensão do autor com relação ao projeto dos *PPC*, seus objetivos e seu significado para a carreira espinosana; e nessa medida é um documento que, ao lado de outros, pode nos ajudar a compreender a problemática do livro. A esse respeito, gostaríamos de sugerir quatro pontos:

1º Pelo seus versos iniciais, o poema aponta exatamente uma das questões fundamentais que, ao longo dos séculos, vão girar em torno da interpretação dos *PPC*: trata-se de mera exposição do cartesianismo (e nessa medida pode ser dita uma obra cartesiana, que se segue da “fonte de Descartes”) ou uma obra espinosana, que apresenta de alguma forma a filosofia espinosana (e portanto “nascido de um melhor engenho”)?

2º O poema aponta a singularidade da obra (ela não tem “exemplo”) e podemos confirmá-lo pela história da recepção do cartesianismo. Numa época em que essa filosofia situa-se num campo de batalha entre, de um lado, inimigos encarniçados que buscam a todo custo proibi-la e destruí-la, e de outro lado partidários que (Meyer o sugere) agem como se o francês fosse um Aristóteles redivivo, produzindo uma verdadeira escolástica cartesiana; é nesse campo de extremos que o livro de Espinosa dá um novo exemplo: “desvelar” seriamente a contribuição da filosofia cartesiana sem meramente sujeitar-se a ela, ou seja, trata-se de pensar com Descartes.

3º Por isso mesmo, é compreensível o desejo de que o livro, carente de exemplo, produza exemplos, isto é, uma seqüência de obras que no mesmo espírito possam avaliar a contribuição da filosofia moderna nascente, sem preconceitos, sem espírito de partido. É nessa medida que os *PPC* poderão, como afirma o prefácio, contribuir na indagação e na propagação da verdade.

4º Finalmente, há de se marcar a problemática posta pelos últimos versos, que retomam a temática dos primeiros, mas não sem uma asserção arguta: Descartes deve muito a Espinosa por uma obra

como os *PPC*, e Espinosa, por ter produzido uma obra tal, deve muito a si próprio. Podemos entender: produzir uma obra desse tipo é, ao mesmo tempo em que se pensa com e em outro, dar mostras de uma grande força de espírito e maturidade; a obra, assim compreendida, é um passo fundamental no itinerário filosófico espinosano.⁶



⁶ Todas estas observações, evidentemente, dependem de uma interpretação geral das relações entre espinosismo e cartesianismo. A fim de que não soem puramente arbitrarias, tomamos a liberdade de reenviar o leitor a um sumário das grandes linhas dessa interpretação em nosso artigo “Do cartesianismo ao espinosismo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORDOLI, R. **Ragione e Scrittura tra Descartes e Spinoza. Saggio sulla “Philosophia S. Scripturæ Interpres” di Lodewijk Meyer e sulla sua recezione.** Milão: Franco Angeli, 1997.

ESPINOSA. **Opera quæ supersunt omnia.** Ex editionibus principibus denuo edidit et præfatus est Carolus Hermannus Bruder. Ex Officina Bernhardi Tauchnitz. Lipsæ MDCCCXLIII.

_____. **Opera quotquot reperta sunt. Recognoverunt J. van Vloten et J. P. N. Land.** Hagæ Comitum apud Martinum Nijhoff MCMXIV (1. ed. 1882-1883).

_____. **Opera.** Im Auftrag der Heidelberger Akademie der Wissenschaften herausgegeben von Carl Gebhardt. Heidelberg, Carl Winters Universitætbuchhandlung, 1972 (1ª ed. 1925).

_____. **Princípi della filosofia di Cartesio. Pensieri metafisici.** A cura di Emanuela Scribano. Bari: Laterza, 1990.

_____. **Renati des Cartes Principiorum Philosophiæ Pars I, & II, More Geometrico demonstratæ ...** Amstelodami, Apud Johannem Riewerts, in vico vulgo dicto, de Dirk van Assen-steeg, sub signo Martyrologii 1663.

_____. **Tratado de la reforma del entendimiento, Principios de filosofia de Descartes, Pensamentos metafísicos.** Traducción, introducción y notas de Atilano Domínguez. Madri: Alianza, 1988.

MEINSMA, K. O. **Spinoza et son cercle: étude critique historique sur les hétérodoxes hollandais.** Tradução de S. Roosenburg e J.-P. Osier. Paris: Vrin, 1983.

MEYER, L. Prefácio dos Princípios da filosofia cartesiana. Introdução e apresentação de Homero Santiago. **Revista Conatus**, Fortaleza, v. 1, n. 1, 2007.

SANTIAGO, H. Do cartesianismo ao espinosismo. **Cult**, São Paulo, n. 109, dezembro de 2006.

STEENBAKKERS, P. **Spinoza’s Ethica from manuscript to print. Studies on text, form and related topics.** Assen & Utrecht: Van Gorcum & Universiteit Utrecht, 1994.

